

A serpente branca

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Já faz muito tempo: vivia então um rei cuja sabedoria era célebre em todo o país. Nada lhe era desconhecido, e era como se as notícias das coisas mais ocultas lhe chegassem pelo ar. Mas ele tinha um costume estranho. Todos os dias, ao meio-dia, quando tudo já fora retirado da mesa e não havia mais ninguém presente, um criado de confiança ainda precisava lhe trazer uma travessa. Ela vinha coberta, e nem o próprio criado sabia o que havia dentro; ninguém sabia, pois o rei só a descobria e comia quando estava inteiramente sozinho. Aquilo já durava muito tempo quando, certo dia, o criado que levava a travessa de volta foi tomado por uma curiosidade a que não pôde resistir e a levou para seu quarto. Depois de fechar cuidadosamente a porta, levantou a tampa e viu que lá dentro havia uma serpente branca. Ao vê-la, não conseguiu conter a vontade de prová-la; cortou um pedacinho e o pôs na boca. Mal o pedaço lhe tocou a língua, ouviu diante da janela um estranho sussurro de vozes finas. Aproximou-se e escutou: eram os pardais conversando entre si e contando tudo o que tinham visto no campo e na floresta. Comer a serpente lhe dera a capacidade de compreender a língua dos animais.

Aconteceu que, justamente naquele dia, desapareceu o mais belo anel da rainha, e a suspeita de tê-lo roubado recaiu sobre o criado de confiança, que tinha acesso a toda parte. O rei o mandou chamar e, entre insultos violentos, ameaçou-o: se até o dia seguinte não soubesse dizer quem era o culpado, seria considerado o autor e julgado por isso. De nada adiantou afirmar sua inocência; foi dispensado sem resposta melhor. Inquieto e com medo, desceu ao pátio, pensando em como sair daquela aflição. Ali, junto a uma corrente de

água, os patos descansavam tranquilamente uns ao lado dos outros; alisavam as penas com o bico e conversavam com intimidade. O criado parou para ouvi-los. Contavam por onde tinham andado naquela manhã e que boa comida tinham encontrado, quando um deles disse, contrariado: “Tenho uma coisa pesando no estômago. Na pressa, engoli também um anel que estava debaixo da janela da rainha.” O criado logo o agarrou pelo pescoço, levou-o à cozinha e disse ao cozinheiro: “Mate este aqui; está bem nutrido.” “Sim”, disse o cozinheiro, pesando-o na mão, “este não poupou esforços para engordar e há muito tempo espera ser assado.” Cortou-lhe o pescoço e, quando o pato foi limpo, encontraram o anel da rainha em seu estômago. Agora o criado pôde provar facilmente sua inocência diante do rei. Querendo reparar a injustiça, o rei permitiu que lhe pedisse uma graça e prometeu o cargo mais honroso que ele desejasse na corte.

O criado recusou tudo e pediu apenas um cavalo e dinheiro para viajar, pois tinha vontade de conhecer o mundo e percorrê-lo por algum tempo. Atendido seu pedido, pôs-se a caminho. Certo dia, passou por uma lagoa e viu três peixes presos entre os juncos, que buscavam água, abrindo a boca. Embora se diga que os peixes são mudos, ele ouviu suas queixas por terem de morrer de maneira tão miserável. Como tinha um coração compassivo, desmontou e devolveu os três prisioneiros à água. Eles se agitaram de alegria, puseram as cabeças para fora e lhe gritaram: “Vamos nos lembrar de você e recompensá-lo por nos ter salvado!” Continuou cavalgando e, pouco depois, pareceu-lhe ouvir uma voz na areia, junto a seus pés. Escutou e ouviu o rei das formigas se queixar: “Se ao menos as pessoas, com seus animais desajeitados, nos deixassem em paz! Aquele cavalo estúpido esmaga meu povo sem piedade com seus cascos pesados!” O rapaz tomou um caminho lateral, e o rei das formigas lhe gritou: “Vamos nos lembrar de você e recompensá-lo!” O caminho o levou a uma floresta. Ali viu um pai corvo e uma mãe corvo

junto ao ninho, atirando os filhotes para fora. “Fora daqui, seus patifes!”, gritavam. “Não podemos mais encher a barriga de vocês! Já são grandes o bastante e podem se alimentar sozinhos!” Os pobres filhotes estavam no chão, esvoaçando e batendo as pequenas asas, e gritavam: “Somos crianças indefesas! Temos de nos alimentar sozinhos e ainda não sabemos voar! O que nos resta, senão morrer de fome aqui?” O bom rapaz desmontou, matou o cavalo com sua espada e o deixou como alimento para os corvinhos. Eles vieram aos saltos, saciaram-se e gritaram: “Vamos nos lembrar de você e recompensá-lo!”

Agora ele precisava usar as próprias pernas. Depois de andar por longos caminhos, chegou a uma grande cidade. Havia muito barulho e gente apinhada pelas ruas. Um homem a cavalo anunciou: “A filha do rei procura um marido. Mas quem quiser pedi-la em casamento terá de cumprir uma tarefa difícil; se não conseguir realizá-la, perderá a vida.” Muitos já tinham tentado, mas haviam perdido a vida em vão. Quando o rapaz viu a filha do rei, ficou tão deslumbrado com sua grande beleza que esqueceu todo o perigo, apresentou-se ao rei e se declarou pretendente.

Logo o levaram até o mar e, diante de seus olhos, atiraram um anel de ouro na água. O rei lhe ordenou que o trouxesse de volta do fundo do mar e acrescentou: “Se você voltar à superfície sem ele, será lançado de novo para baixo, quantas vezes for preciso, até morrer nas ondas.” Todos tiveram pena do belo rapaz e o deixaram sozinho à beira do mar. Ele estava na praia, pensando no que fazer, quando viu três peixes se aproximando. Eram justamente aqueles a quem salvara a vida. O do meio trazia na boca uma concha, que deixou na areia aos pés do rapaz. Quando ele a apanhou e abriu, o anel de ouro estava dentro. Cheio de alegria, levou-o ao rei e esperou receber a recompensa prometida. Mas a orgulhosa filha do rei, ao saber que ele não era de sua condição, o desprezou e exigiu que antes resolvesse uma segunda

tarefa. Ela mesma desceu ao jardim e espalhou na grama dez sacos cheios de painço. “Amanhã, antes de o sol nascer, ele precisa ter recolhido tudo”, disse. “E não pode faltar nem um grão.” O rapaz se sentou no jardim e pensou em como seria possível cumprir a tarefa, mas não encontrou solução. Ficou ali muito triste, esperando ser levado à morte ao romper da manhã. Quando os primeiros raios de sol caíram no jardim, porém, viu os dez sacos bem cheios, lado a lado, sem que faltasse um só grão. O rei das formigas chegara durante a noite com seus milhares e milhares de formigas. Os animais agradecidos tinham recolhido o painço com grande dedicação e o juntado nos sacos. A filha do rei desceu pessoalmente ao jardim e viu, admirada, que o rapaz cumprira o que lhe fora ordenado. Mas ainda não conseguia dominar seu coração orgulhoso e disse: “Mesmo tendo resolvido as duas tarefas, ele só será meu marido depois de me trazer uma maçã da árvore da vida.” O rapaz não sabia onde ficava a árvore da vida. Pôs-se a caminho, decidido a continuar andando enquanto suas pernas o sustentassem, mas não tinha esperança de encontrá-la. Já atravessara três reinos quando, certa noite, chegou a uma floresta e se sentou debaixo de uma árvore para dormir. Então ouviu um ruído nos galhos, e uma maçã de ouro caiu em sua mão. Ao mesmo tempo, três corvos voaram até ele, pousaram em seus joelhos e disseram: “Somos os três corvinhos que você salvou de morrer de fome. Quando crescemos e ouvimos que você procurava a maçã de ouro, voamos por cima do mar até o fim do mundo, onde fica a árvore da vida, e trouxemos a maçã para você.” Cheio de alegria, o rapaz voltou para casa e levou a maçã de ouro à bela filha do rei, que agora não tinha mais desculpa. Dividiram a maçã da vida e a

comeram juntos. Então o coração dela se encheu de amor por ele, e os dois chegaram a uma idade avançada, numa felicidade sem perturbações.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Produção: Bons Filhos Educação

Revisão: Codex · revisão independente por IA

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-serpente-branca>